

Parte III - Do pós-psicanalítico à pós-história da psicanálise

A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles-vermelhas” ou “caras-pálidas”?

Eleonôra Torres Prestrelo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PRESTRELO, ET. A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles-vermelhas” ou “caras-pálidas”?. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 88-96. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A HISTÓRIA DA GESTALT–TERAPIA NO BRASIL: “PELES-VERMELHAS” OU “CARAS-PÁLIDAS”?

*Eleonôra Torres Prestrelo **

Este trabalho se propõe a resgatar, sob o olhar da narradora (como não poderia deixar de ser), um pouco da história da Gestalt–Terapia no Brasil. Segue um eixo de reflexão que ressalta a dicotomia existente, desde o início, entre duas formas divergentes de encaminhar a divulgação dessa abordagem e de privilegiar aspectos do trabalho clínico.

Partindo dessa concepção, faz-se necessário contextualizar, ainda que brevemente, o surgimento da Gestalt–Terapia desde o período de sua fecundação europeia até o nascimento e primeiros anos de crescimento nos EUA.

Friedrich Salomon Perls (Fritz Perls), mentor da Gestalt–Terapia, nascido em Berlim, Alemanha, no ano de 1893, numa família de origem judaica, formou-se em medicina, atuando como neuropsiquiatra. Sua carreira profissional o levou a ter contato com vários expoentes da psicanálise —à qual aderiu, inclusive em seu processo de análise pessoal—, bem como com a Psicologia da Gestalt —através de Kurt Goldstein, com o qual trabalhou e, posteriormente, de Kurt Lewin que trouxe para sua vida uma perspectiva holística do funcionamento orgânico.

Além dessas referências em sua formação, Fritz, desde a adolescência, sempre se interessou pelo teatro (chegando inclusive a participar de forma amadora do Deutsche Theater, sob a direção de Max Reinhardt), tinha uma enorme curiosidade intelectual, favorecida pelo domínio de vários idiomas (alemão, francês, hebraico e grego), e estava sempre em companhia de poetas, filósofos e artistas anarquistas identificados com a chamada “contracultura” berlinense (Grupo Bauhaus).

* Professora do Departamento de Psicologia Clínica do IP/UERJ.

Tais influências vão se fazer presentes, de alguma forma, durante toda a sua vida, inclusive na construção da Gestalt–Terapia.

Em 1935.. Fritz e sua esposa Laura Perls, refugiados da perseguição aos judeus na Alemanha, instalaram-se em Johannesburgo, na África do Sul, onde continuaram exercendo a atividade de psicanalistas, fundando o Instituto Sul-Africano de Psicanálise. Foi durante esse período de sua vida que começaram a ser plantadas, e a germinar, as primeiras sementes do que viria a se constituir como abordagem gestáltica.

Em 1936, no Congresso Internacional de Psicanálise, na Tchecoslováquia, Fritz Perls apresentou um trabalho destacando a importância do que denominou “resistências orais” como fonte de entendimento do processo de formação das neuroses. Esta nova perspectiva, ansiosamente preparada e defendida por ele, foi criticada e quase que inteiramente ignorada pelos psicanalistas ali presentes. Ser ignorado foi novamente a experiência de Perls ao procurar Freud para um contato pessoal e discussão de suas ideias.

O desenvolvimento dessas ideias culminou na elaboração e publicação de seu primeiro livro: *Ego, Hunger and Aggression — A Revision of Freud’s Theory and Method*, em 1942.

Logo depois, em 1946, mudou-se para Nova York, para onde seguiu sua família no ano seguinte. Em contato com grupos de artistas, filósofos, intelectuais e terapeutas com os quais se sentia afinado quanto à forma de pensar e viver a vida, começou a estruturar mais sistematicamente o que viria a se constituir nas bases teóricas e consequente aplicação da Gestalt–Terapia. Sempre se atualizando, utilizou, na estruturação desse corpo teórico, toda a gama de conhecimentos e experiências adquiridas durante a vida:

Desenvolvendo a Terapia Gestáltica, Perls baseou-se em diferentes e diversas tradições, colhendo delas aqueles elementos que ele podia empiricamente validar em sua vivência. Entender a posição que a Terapia Gestáltica ocupa hoje e a direção que parece estar tomando requer um treinamento cuidadoso em seu passado, naquele manancial

de ideias que confluiu através da pessoa de Perls (SMITH *apud* CAVANELLAS, 1998: 70).

Essa abordagem se deu a conhecer na publicação de *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*, lançado nos EUA no ano de 1951, escrito por Perls (a partir de apontamentos) e tendo por colaboradores Paul Goodman e Hefferline.

Após este brevíssimo histórico acerca da origem da Gestalt-Terapia, retomemos o eixo de reflexão proposto. A dicotomia anteriormente enfatizada nos remete a diferenças presentes na forma de lidar com a divulgação da nova abordagem por seus pensadores e fundadores. Tais diferenças foram contextualizadas por Miller em sua introdução ao livro *Gestalt-Terapia* (1997), na qual reproduz a crítica à sociedade americana realizada pelo crítico literário Phillip Rav no ensaio intitulado “Cara-pálida e pele-vermelhismo”.

Em resumo quanto ao que nos interessa neste trabalho: Rav identificava os escritores americanos como participantes de uma disputa entre dois campos de valorização de uma visão de mundo. De um lado, haveria o que chamou de grupo dos “peles-vermelhas”: autores que representavam a inquietude e a irreverência aos costumes estabelecidos, valorizando a intuição, a expressão de sentimentos, o individualismo — estereótipo que poderia ser caracterizado por aqueles que “*punham o pé na estrada*” (MILLER, 1995:18).

Do outro lado do campo estaria o grupo dos “caras-pálidas”: autores que valorizavam as tradições literárias e intelectuais, a reflexão na elaboração e descrição da experiência humana, e que tendiam a se concentrar nas grandes cidades.

Michael Vincent Miller —eminente estudioso contemporâneo da Gestalt-Terapia— resgata os estereótipos utilizados na crítica de Rav para identificar duas vertentes de gestalt-terapeutas: os “peles-vermelhas”, no caso, seriam os gestalt-terapeutas voltados para a defesa de uma prática que valoriza a intuição, a expressão catártica de emoções, rejeitando a reflexão teórica sistemática sobre sua prática. Identificados com o grupo que se fixou

na Costa Oeste americana, enfatizam o aspecto vivencial e se diferenciam, assim, das práticas psicológicas hegemônicas no momento de seu surgimento. Os “caras-pálidas”, por sua vez, seriam aqueles gestalt-terapeutas identificados com o grupo que se fixou na Costa Leste dos Estados Unidos, onde a Gestalt-Terapia se fez conhecer e se constituiu como uma abordagem autônoma. Estariam preocupados com a divulgação de seus pressupostos e com a sistematização de uma prática coerente com seu corpo teórico.

Como podemos ver, a disputa é identificada, inclusive, geograficamente.

Essa dicotomia foi se constituindo a partir de alguns elementos que refletiam os interesses predominantes do grupo inicial de estruturação e divulgação da Gestalt-Terapia, dentre os quais podemos citar:

a) *Gestalt-Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality (1951)*, até hoje considerado a bíblia da Gestalt-Terapia, era composto por dois volumes reunidos em um só livro. O volume I consistia na estruturação teórica da abordagem; o volume II, numa série de exercícios descritos e comentados referentes à sua prática. A ordem dos volumes foi alterada, no entanto, por ocasião de sua primeira publicação, em 1951; segundo consta, por razões comerciais. O volume I passou a ser o de exercícios e o volume II, o correspondente à fundamentação teórica —o que implicou uma visão distorcida da Gestalt-Terapia: a de que poderia se constituir numa “autoterapia” ou a de que sua base residiria numa série de exercícios.

b) A aceitação e divulgação da Gestalt-Terapia ganhou grande impulso no início dos anos 60 por ser ela uma corrente de pensamento e prática terapêutica afinada (em alguns dos seus pressupostos) com os movimentos de contracultura, fenômeno histórico efervescente nos EUA e Europa nessa época.

(...) a juventude engajada na contracultura dos anos 60 buscava, através deste conjunto de ideias e comportamentos, cair fora do sistema (...) Rejeitavam-se não apenas os valores estabelecidos mas, basicamente, a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais. Criticava-se e rejeitava-se, por exemplo, o predomínio da racionalidade científica, tentando-se redefinir a realidade através do desenvolvimento de formas sensoriais de percepção (PEREIRA, 1984: 22–23).

Fritz Perls, referência principal da Gestalt–Terapia, começou a correr o país, claramente dedicado à divulgação de sua abordagem, realizando *workshops* para profissionais da área. Esses *workshops* foram muitas vezes tomados como suficientes para que profissionais se considerassem aptos a sair praticando a Gestalt–Terapia.

Seus trabalhos em grupo pareciam propiciar “curas” milagrosas, dado a rapidez na resolução dos conflitos apresentados pelos participantes. Não se levava em conta sua vasta experiência profissional, os 50 anos de prática clínica, as quatro análises vividas e seus 76 anos que fundamentavam a incrível perspicácia clínica, concretizada no exercício de seu trabalho;

c) Laura Perls e o chamado “Grupo de Nova York” —grupo de colaboradores que ajudou, inclusive, a fundar o primeiro Instituto de Gestalt de Nova York— se mantiveram dedicados ao aprofundamento da abordagem, bem como à elaboração de grupos de estudo permanentes, adquirindo grande competência na elucidação de questões vinculadas à teoria e à prática gestálticas. Como nos diz Juliano (1992: 13): “A imagem que vem é que Perls vai na frente abrindo picadas, e o grupo vai atrás fazendo o trabalho de pavimentação dessa estrada”.

Fritz se colocou “*na estrada*” para divulgar a abordagem; Laura, por sua vez, plantou raízes em Nova York, mas só assumiu realmente o lugar de cofundadora da Gestalt–Terapia após a morte de Perls, em 1970.

É interessante notar, como se poderá ver a seguir, que a história do surgimento da Gestalt–Terapia no Brasil segue movimento semelhante ao da época de sua origem.

Segundo Jean Clark Juliano (1992), o contato com a nova abordagem se deu inicialmente como resultado do anseio de alguns profissionais —ela própria, Thérèse Tellegen e outros— em trazer para suas práticas, a princípio com grupos, toda uma concepção de mudança na estrutura das relações pessoais, inclusive nas instituições onde trabalhavam. Eles estavam embalados pelas ideias libertárias tanto de alguns movimentos europeus (como Sumerhill) quanto de uma nova perspectiva de trabalho em grupo,

como o realizado nos chamados “Grupos de Encontro” nos Estados Unidos, onde o crescimento pessoal se vinculava à perspectiva de construção de um mundo melhor.

Pode-se registrar o início do movimento gestáltico no Brasil no ano de 1972, em São Paulo, com o repasse dos primeiros conhecimentos adquiridos sobre esta abordagem, decorrentes de *workshops* realizados em Londres por Thérèse Tellegen. No mesmo ano é lançada a primeira publicação sobre Gestalt-Terapia, intitulada “Elementos de Psicoterapia”, no Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

A partir de então, começaram a ser trazidos profissionais representativos da abordagem para desenvolver trabalhos junto a um grupo de profissionais paulistas, inicialmente integrado por Jean Clark Juliano, Walter Ferreira da Rosa Ribeiro, Paulo Barros, Abel Guedes e Lilian Frazão.

Esses *workshops* eram teórico-vivenciais, neles se podia observar a forma de trabalho terapêutico do profissional convidado, bem como se submeter ao trabalho pessoal.

Posteriormente, tendo-se ampliado o grupo inicial pela incorporação de outros profissionais, e passado o encantamento da descoberta, começou a se fazer necessário um aprofundamento dos conhecimentos até então adquiridos através de *workshops* e grupos de estudo autônomos. Iniciou-se, assim, um processo que Juliano (1992) identifica como de “*aculturação*”: a rejeição de algumas formas de trabalho julgadas inadequadas à nossa cultura, neutralizando, dessa forma, nossa tendência a uma apreensão indiscriminada de formas de pensamento e práticas europeias.

A necessidade de entender como se dava o processo terapêutico e em que bases conceituais se alicerçava se fez presente e cada vez mais necessário, o que configura uma identificação com o grupo dos “caras-pálidas”.

Tal processo de aprofundamento dos conhecimentos adquiridos esbarrava, no entanto, na escassez de material traduzido. Os primeiros livros —*Tornar-se presente*, de Stevens, e *Gestalt-Terapia explicada*, de Perls—,

em sua maioria transcrições dos trabalhos desenvolvidos por Perls em seus *workshops*, favoreciam a ideia errônea de que a Gestalt–Terapia resumia-se a uma série de técnicas que, aplicadas, produziam efeitos milagrosos.

Propiciavam mais uma vez, conforme ocorrera no início de sua divulgação nos Estados Unidos, a ideia de que qualquer um poderia se utilizar das técnicas da “Gestalt” para desenvolver seu trabalho. Dessa forma, estabeleceu-se a noção de que Gestalt–Terapia seria qualquer coisa que se referisse à aplicação de “técnicas” propiciadoras da expressão de sentimentos. Isto demandou considerável trabalho, por parte dos profissionais pioneiros, em especificar o que *não* era Gestalt —necessidade que, infelizmente, ainda se impõe até os dias de hoje a todos aqueles que se aprofundam nesta abordagem.

Em 1978, Walter Ribeiro, junto com profissionais de diferentes lugares do Brasil, criou em Brasília o primeiro grupo de formação em Gestalt–Terapia, auxiliado pela terapeuta Maureen Miller, residente na Califórnia. Posteriormente foi criado em São Paulo, por iniciativa de alguns profissionais que compunham esse grupo inicial, o primeiro curso de “Especialização na Abordagem Gestáltica em Psicoterapia” no Instituto Sedes Sapientiae. Com duração de três anos, o curso continua até os nossos dias, agora sob orientação de outros profissionais. Começaram a se formar, a partir de então, Centros de Estudo e Formação em outras localidades do país: Rio de Janeiro (onde se destacam os nomes de Maria Cristina Frascarolli Tsallis e Teresinha Mello Silveira, que prosseguem exercendo) essa atividade até hoje), Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Ceará, Santa Catarina *etc.*

Em 1981 foi fundado o Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo, por Thérèse Tellegen, Lílian Frazão, Jean Clark Juliano e Abel Guedes, a fim de se constituir num centro de referência nesta abordagem, propondo-se, inclusive, a combater as deturpações existentes. Por essa época já existiam outros profissionais brasileiros que, de maneira independente, buscaram treinamento, especialmente no Instituto de Esalen, na Califórnia.

Em 1984 foi publicada a primeira obra brasileira de Gestalt–Terapia —*Gestalt e grupos: Uma perspectiva sistêmica* de Thérèse Tellegen—, seguida, em 1985, pelo livro de Jorge Ponciano Ribeiro —*Gestalt–Terapia: Refazendo um caminho*. O material disponível se expandiu bastante a partir daí, inclusive com o surgimento de algumas revistas nacionais: o *Gestalt Jornal*, do Centro de Estudos de Gestalt do Paraná; a *Revista de Gestalt*, do Departamento de Gestalt do Instituto Sedes Sapientiae; a *PRESENÇA: Revista Vita de Gestalt–Terapia*, do Rio de Janeiro (infelizmente extinta) e várias dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Como se percebe, inicialmente a Gestalt–Terapia no Brasil pode ser identificada ao grupo dos “peles-vermelhas”: contato com uma abordagem “nova”, “alternativa” às conhecidas e hegemônicas, na qual a proposta vivencial se estabelece como marca preponderante. A proposta de favorecer o autoconhecimento através de uma perspectiva de valorização do mundo sensível em detrimento do racional, do intelectual, mostra-se extremamente sedutora.

Com o passar do tempo, podemos identificar, no entanto, duas formas de continuidade do movimento da Gestalt–Terapia: um grupo de terapeutas sente a necessidade de um entendimento maior de como essa prática se dá, e em que bases conceituais se alicerça (identificação com o grupo dos “caras-pálidas”), lidando com isso não mais como a manutenção de uma “dicotomia” e sim como um “processo” de integração e amadurecimento da abordagem; um outro grupo de profissionais se mantém preso à forma inicial de apreensão da Gestalt–Terapia, reproduzindo, portanto, a dicotomia apontada neste trabalho.

A título de conclusão, ou me atrevendo a tentar contribuir com o desenvolvimento dessa “história”, me pergunto se será um dia possível eliminar a dicotomia que me parece intrínseca à origem da própria abordagem, como configuração histórica das influências e necessidades peculiares a uma época e aos indivíduos pertencentes a ela.

Por outro lado, por crença ou utopia, me nego a desistir de buscar uma perspectiva mais agregadora na apreensão do mundo, na qual as disputas não se darão por “uma” verdade, pela demarcação de um “território”, e sim por uma perspectiva holística, que facilite o entendimento da história humana.

Referências bibliográficas

- CAVANELLAS, L.B. “A Gestalt–Terapia no envio da modernidade — Teoria e técnica na confrontação da dor”. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- CIORNAI, S (org.) *Gestalt–Terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil: 25 anos depois*. São Paulo: Agora, 1995.
- FROM, I. “Reflexões sobre a Gestalt–Terapia após trinta e dois anos de prática: um réquiem para a Gestalt” in *The Gestalt Journal*, vol. VII, n° 1, Primavera de 1984.
- JULIANO, J.C. “Gestalt–Terapia: revisitando as nossas estórias”. *Revista de Gestalt*, ano II. n° 2. São Paulo, 1992.
- MICHAEL, V.M. “Introdução à Gestalt Terapia Explicada (Gestalt Terapy Verbatim)”. *Revista de Gestalt*, n° 4. São Paulo, 1995.
- PEREIRA, C.A.M. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PERLS, F., HEFFERLINE, R. e GOODMAN, P. *Gestalt–Terapia*. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- SILVEIRA, T.M. “A moderna Gestalt–Terapia do Rio de Janeiro” in *PRESENÇA: Revista de Gestalt Terapia*, ano 2, n° 3. Rio de Janeiro, 1996.
- _____, OLIVEIRA, L.A., RAQUEL, A.P. e PEREIRA, W. de O. “A inserção da Gestalt–Terapia no Instituto de Psicologia da UERJ” in MANCEBO, D (org.). *Práticas “Psi” em debate/ I Jornada Interna do SPA*. Rio de Janeiro: UERJ/NAPE, 1999.